

## **A PROGRESSÃO REFERENCIAL EM TEXTOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM OLHAR LINGUÍSTICO PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Juzelly Fernandes Barreto MOREIRA<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Esta pesquisa objetiva realizar um estudo comparativo entre textos de alunos dos 1ºs e 2ºs anos do Ensino Médio Integrado de um *campus* do IFRN. Desta feita, enfocaremos o uso das estratégias de referenciação, verificando suas ocorrências nas redações, além de investigar se os alunos dos 2ºs anos desta modalidade da educação profissional apresentam amadurecimento no que tange à progressão referencial de suas redações, em relação aos alunos do 1º ano. Nosso trabalho está respaldado sob a égide da linguística textual e articulado aos estudos propostos por Koch (2006), Costa Val (1999), Marcuschi e Koch (2006), Antunes (2010), entre outros. Como metodologia, propomos aos alunos que escrevessem sobre o tema “A Influência da Tecnologia no Comportamento Humano”. Após selecionar quarenta redações, analisamos as produções, observando a ocorrência de eventos coesivos que indicassem se os alunos do 2º anos apresentavam melhor desempenho em relação aos dos 1º anos, recém-ingressos IFRN. Os resultados ressaltaram, entre outros aspectos, a diminuição no uso de encapsulamentos/rotulações (55% -1ºs anos/ 25%- 2ºs anos), incidência estável de hipônimos (55% -1ºs anos/ 45% - 2ºs anos) e aumento expressivo no uso das elipses (15% - 1ºs anos/ 40 % - 2ºs anos). A proposição desta pesquisa revela que o estudo da referenciação é imprescindível na educação profissional porque julgamos que o exercício pleno da prática profissional passa pelo domínio das habilidades técnicas, mas também essencialmente pela competência discursiva do indivíduo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Profissional; Estratégias de Referenciação; Produção Textual; Coesão.

### **1 INTRODUÇÃO**

A finalidade deste artigo é apresentar uma amostra dos estudos que temos feito a partir de textos de alunos do IFRN, *campus* Currais Novos, regularmente inscritos na

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)  
Av. Senador Salgado Filho, 1559 - Tirol CEP 59015-000 Natal/RN – Brasil.  
[juzelly.barreto@ifrn.edu.br](mailto:juzelly.barreto@ifrn.edu.br)

modalidade Ensino Médio Integrado (EMI). Nesse sentido, nosso foco consiste em verificar de que forma 40 alunos do EMI desse *campus*, sendo 20 dos 1ºs anos e 20 do 2ºs anos, fazem uso das estratégias de referenciação, além de estabelecer uma comparação, confrontando as ocorrências evidenciadas nas categorias de análise, uma vez que entendemos a importância do emprego dessas regras combinatórias para o alcance da progressão textual e, conseqüentemente, para a obtenção da textualidade.

Dentro da proposta de trabalho, pretendemos investigar de forma mais incisiva que estratégias de referenciação estão sendo majoritariamente utilizadas pelos sujeitos de pesquisa, ao mesmo tempo em que também nos debruçamos em catalogar que prejuízos estão sendo causados no tocante à progressão textual dessas redações, pela ausência desses mesmos recursos coesivos. Além disso, observamos a diferença percentual da ocorrência de eventos coesivos que indiquem se os alunos do 2ºs anos apresentam melhor desempenho em relação aos dos 1ºs anos, recém-ingressos no IFRN.

Consideramos esse percurso de verificação através de porcentagem extremamente válido por possibilitar a percepção global, dentro desse universo pesquisado, de como os sujeitos estão utilizando as estratégias de referenciação como agentes facilitadores na construção da textualidade, uma vez que estes recursos linguístico-textuais mostram-se imprescindíveis na construção do processo das práticas discursivas.

No que se refere à metodologia, a pesquisa está situada no campo da Linguística Textual e os sujeitos produtores são 40 alunos do IFRN, *campus* Currais Novos, regularmente matriculados nos 1ºs e 2ºs anos do EMI, modalidade pertencente à Educação Profissional, segundo classificação do Ministério de Educação.

Levando em consideração o contexto sócio-histórico-cultural em que os alunos estão imbuídos e no firme propósito de analisar o uso das estratégias de referenciação utilizadas em suas redações, optamos por indicar a produção de um texto que abordasse um assunto que fosse reconhecidamente do interesse da maioria dos adolescentes contemporâneos: a tecnologia. Sendo assim, os alunos escreveram, de forma livre, ou seja, sem nenhuma intervenção ou auxílio do professor, redações sobre o tema: *A Influência da Tecnologia no Comportamento Humano*.

A única orientação dada a respeito da proposta de redação, além de qual seria o tema, foi o esclarecimento a respeito do gênero textual a ser utilizado. A saber:

dissertativo-argumentativo. Não houve presença de textos motivadores ou uma discussão prévia que envolvesse a temática.

Essa ausência de orientações e textos motivadores foi propositada, a fim de pudéssemos garantir que a produção textual dos alunos seria, de fato, completamente autoral. Ainda no intuito de preservar a autenticidade dos textos, decidimos por esta temática simples e tão familiar aos jovens de um modo geral, para que ficássemos seguros de que, sendo a redação pautada sobre este assunto (a tecnologia), mesmo na falta de textos motivadores e/ou discussões prévias, dificilmente eles não teriam repertório próprio para escrever.

Todos os alunos dos 1<sup>os</sup> e 2<sup>os</sup> anos do EMI do *campus* Currais Novos foram convidados a redigir os referidos textos. A escrita das redações ocorreu em sala, durante uma aula normal de língua portuguesa e foi aplicada pelos próprios professores lotados no *campus* Curais Novos. Não houve, portanto, quebra na rotina de aulas, nem qualquer contato dos alunos com a pesquisadora.

Ao receber o material, selecionamos aleatoriamente 40 redações do total que tínhamos em mãos (20 de alunos dos 1<sup>os</sup> anos e 20<sup>o</sup> dos alunos de 2<sup>os</sup> anos), para que, agora sim, pudéssemos principiar a análise dos referentes nelas utilizados.

Nessa perspectiva, são os objetivos norteadores desse trabalho constatar, através de uma análise quantitativa e comparativa, que estratégias de referenciação os alunos teriam apreendido com sucesso até este ponto de sua vida escolar, verificar que prejuízos à progressão textual ficaram perceptíveis tendo em vista a ausência de alguns desses recursos coesivos em suas produções, além de investigar se os alunos dos 2<sup>os</sup> anos desta modalidade da educação profissional apresentam amadurecimento no que tange à progressão referencial de suas redações, em relação aos alunos do 1<sup>o</sup> ano.

Para compreendermos a relevância desta pesquisa é necessário discorrermos sobre alguns pressupostos teóricos que a norteiam, já que defendemos a impossibilidade de estudar diferentes aspectos da língua em uso fora do texto. Diante dessa evidente indissociabilidade, prosseguiremos nosso trabalho contemplando algumas questões que julgamos relevantes acerca dos diferentes conceitos postulados sobre texto e textualidade, a fim de que possamos compreender melhor o cenário onde a interação acontece.

## **2 UM OLHAR PARA A TEXTUALIDADE**

Segundo Antunes (2006, p. 35) “escrever é uma atividade que retoma outros textos, isto é, que retoma outros dizeres. De forma mais explícita, estamos sempre voltando a outras fontes (ou a outras ‘vozes’, como se costuma dizer) próximas ou remotas. Nunca somos inteiramente originais.”.

Por isso mesmo, segundo Kaufman e Rodriguez (1995), a linguística textual coloca em primeiro plano os fatores de produção, recepção e interpretação dos textos enquanto unidades de comunicação.

Nesse sentido, é imprescindível esclarecer que a ideia de texto, segundo Koch e Travaglia (1997), é de uma unidade linguística completa (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante- escritor, ouvinte-leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido de modo a preencher uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão. Ou seja, o texto é produto de uma intenção comunicativa do emissor.

Corroborando com esse pensamento, Antunes (2010) alega que:

perde sentido, então, aquela perspectiva ascendente da linguagem, segundo a qual, primeiro, se aprendem as palavras, depois as frases, para, enfim, se chegar ao texto. Todos os segmentos de nossa atividade de linguagem, desde os primeiros balbucios, são entendidos e classificados como partes funcionais de um todo integrado: o texto.

Portanto, produzir linguagem significa produzir discursos (KOCH, 2004a) e o discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O que as pessoas têm a dizer umas às outras não são palavras nem frases isoladas, são textos. Nesse sentido, Antunes (2006, p. 30) esclarece que:

Tal como falar, escrever é uma atividade necessariamente textual. Ninguém fala ou escreve por meio de palavras e frases justapostas aleatoriamente, desconectadas, soltas, sem unidade. O que vale dizer: só nos comunicamos através de textos. Sejam eles orais ou escritos. Sejam eles grandes, médios ou pequenos. Tenham muitas, poucas ou uma palavra apenas.

Assim, pode-se afirmar que texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão (BRASIL,1998).

Conforme afirma Marcuschi (1998, p. 78), “no final da década de setenta passa-se a considerar a noção de textualidade.” Para Costa Val (1999, p.05), “o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não uma sequência de frases é chamado de textualidade.”

Outra maneira de clarificar a ideia de textualidade, segundo Antunes (2010, p. 29) é considerando que esta:

“[...] pode ser entendida como característica estrutural das atividades sociocomunicativas (e, portanto, também linguísticas) executadas entre parceiros da comunicação. Logo, todo enunciado – que porta sempre uma função comunicativa – apresenta necessariamente a característica da textualidade ou uma ‘conformidade textual’ (...) Daí que nenhuma ação de linguagem acontece fora da textualidade”.

Dessa maneira, textualidade é tudo aquilo que faz com que um texto seja um texto e, portanto, comunique algo. E esse “tudo” é integrado por categorias organizadamente elencadas. Mas que categorias, de fato, seriam as que compõem aquilo que entendemos por textualidade?

De acordo com Adam (2011), o texto possui operações de ligação que cooperam entre si para a obtenção da textualidade mas que, isoladamente, não são suficientes para fazer de um texto uma unidade coerente.

Beaugrande e Dressler (1981), apontam sete como sendo os fatores responsáveis pela construção da textualidade de um discurso. A saber: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Segundo os autores, estes são os fatores preponderantes na constituição do processo sociocomunicativo.

Dois desses, a coerência e a coesão, são fatores linguísticos, pois estão relacionados aos elementos materiais que constituem o texto. Pode-se inferir, então, que os componentes linguísticos do texto vinculam-se entre si através de distintas estratégias de coesão e de coerência.

Sabe-se que há textos sem coesão que, no entanto, apresentam coerência e são classificados como textos. Como também há textos com coesão, mas sem coerência e sem textura. O fato é que a coesão é a manifestação linguística da coerência, ou seja,

provém da forma como as relações lógico-semânticas do texto são expressas na superfície textual. Do mesmo modo, a coesão de um texto é verificada mediante a análise de seus mecanismos lexicais e gramaticais de construção.

Em outras palavras, a coesão retrata uma “amarração” entre as várias partes do texto, haja vista que é responsável por criar um entrelaçamento significativo entre declarações e sentenças. Ao conceito de coesão, Koch (1999, p. 17) acrescenta que “a coesão, por estabelecer relações de sentido, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos.”.

Todavia, sabemos que tanto na fala como também no texto escrito a sucessão de coisas ditas ou escritas forma uma corrente que vai muito além da sequencialidade, mas insistimos que a coesão, apesar de não ser o fator único, contribui significativamente para conferir essa textualidade necessária a qualquer enunciado.

Nesse contexto, assumem importância crucial os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, como os referentes textuais, que garantem a coesão do texto e imprimem a visão de mundo do autor.

Segundo Koch (1999), são “elementos referenciais os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação”. Seguindo este mesmo raciocínio “a referência constitui um primeiro grau de abstração: o leitor/alocutário relaciona determinado signo a um objeto tal como ele o percebe dentro da cultura em que vive.” (FÁVERO, 2001, p. 18).

Por entendermos que a referenciação é um artifício que envolve interação e intenção ou, nas palavras de Koch (1999), trata-se de um processo por meio do qual o produtor do texto acena para a sua particular forma de retratar o mundo circundante filtrado pelo simbólico, é que passaremos, de maneira mais detalhada a tratar de suas estratégias no capítulo seguinte. Haja vista que, de acordo com a perspectiva de análise assumida neste trabalho, o resgate referencial retrata um exercício de construção de juízos de valor, de opiniões, de desvelamento das posições assumidas no texto.

Sob essa égide, o trabalho com o processo de referenciação assume importância fundamental para a aula de Língua Portuguesa à medida que permite aos estudantes refletirem sobre os textos que leem e/ou escrevem, sendo portanto, para nós, imprescindível investigá-lo.

### **3 AS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO COMO MECANISMOS DE PROGRESSÃO TEXTUAL.**

Segundo Koch & Marcuschi (1998) um dos principais mecanismos utilizados em prol da garantia da coesão textual são as estratégias de referenciação. Estas, de maneira genérica, aparecem na ótica da linguística de texto como um processo interativo que resulta na construção de referentes enquanto objetos-de-discurso, e não enquanto objetos-do-mundo.

Nas palavras de Koch e Elias (2010, p. 132):

O processo que diz respeito às diversas formas de introdução, no texto de novas entidades ou referentes é chamado de referenciação. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que denomina progressão referencial.

Esse conceito leva em consideração que a referência não é vista aqui como mera representação extensional de referentes do mundo extra-mental, isto é, a referência não se dá apenas na relação linguagem-mundo, já que o discurso constrói aquilo a que faz remissão.

Percebemos então que há uma reelaboração do real, reelaboração esta que, de acordo com Koch e Marcuschi (1998) citados em Koch (2002, p. 80), "deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua".

Seguindo este fio condutor que delinea o conceito de referenciação, julgamos indispensável citar Marcuschi e Koch (2006, p. 381) quando afirmam que “nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real”. Sendo assim, pode-se afirmar que os referentes não são objetos do mundo, mas objetos do discurso. Portanto, não é possível estabelecer uma relação de equivalência entre o objeto ao qual se faz referência e a realidade.

Significa dizer então que, no discurso, os processos de categorização dependem muito menos das restrições impostas pela materialidade do mundo do que da multiplicidade de pontos de vista que os sujeitos exercem sobre ele.

O que nos remete necessariamente à fala de Adam (2011, p. 113) quando nos adverte que “a atividade discursiva de referência constrói, semanticamente, uma

representação, um objeto de discurso comunicável.

Nesse aspecto, é basilar inferir que a forma como dizemos o real estabelece um contorno singular da normatização do mundo e da língua, de modo que o sujeito, na interação, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer (KOCH, 2003b).

Outrossim, os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer e o modo de progressão referencial está calcado num emaranhado de estratégias que perpassa todo o âmbito do texto.

Logo, quando se pensa sobre o processo de referenciação, de acordo com Marcuschi e Koch (2006, p. 383-384) deve ficar claro que,

um texto não se constrói como continuidade progressiva linear, somando elementos novos com outros já postos em etapas anteriores, como se o texto fosse processado numa soma progressiva de partes. O processamento textual se dá numa oscilação entre dois movimentos um para frente (projetivo) e outro para trás (retrospectivo).

O que nos remete à fala de Antunes (2010, p. 133) quanto comenta que “em um texto bem organizado, deve predominar o equilíbrio entre o que é retomado (informações já conhecidas) e o que é proposto como não sabido (informações novas). Qualquer desequilíbrio para um desses lados deixa o texto inadequado.” Sendo assim, as estratégias de referenciação deverão colaborar para a garantia de um processamento textual em que haja esse balanceamento, a fim de que a textualidade pretendida seja alcançada no texto.

Na perspectiva da língua como um fenômeno heterogêneo, variável, histórico e social, indeterminado do ponto de vista semântico e sintático, Marcuschi (1995a, p. 4) considera “as estratégias que são acionadas na relação linguagem-mundo-pensamento”. Do ponto de vista de Koch e Elias (2006, p.123):

denomina-se referenciação as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão referencial.

É nesse sentido que se situa o processo de referenciação, marcado pela relação



biunívoca entre linguagem e mundo. Uma vez que, de acordo com Koch e Marcuschi (1998, p. 4):

o mundo fenomênico, externo, a possível extensão referencial de nossos itens lexicais não está à disposição, pronta para receber as designações pura e simplesmente (...) a referenciação é um processo discursivo e os referentes são objetos-de-discurso.

Compreende-se, portanto, que a progressão referencial num texto não ocorre de forma linear. As estratégias se dão de múltiplas formas, dependendo dos recursos linguísticos e dos recursos da situação, disponíveis ao tratamento que os interactantes considerem necessário dar ao referente, a fim de atingirem suas intenções comunicativas. Por conseguinte, pode-se afirmar que as estratégias de referenciação estão sujeitas às forças discursivas e que é no discurso que elas são determinadas.

Cabe ressaltar, ainda, segundo Koch e Elias (2006), que na constituição dos referentes textuais estão abrangidas as seguintes estratégias de referenciação: introdução, retomada e desfocalização. Esses mecanismos, sendo devidamente utilizados, conferem ao texto essa ideia de continuidade tão exaustivamente buscada por todo e qualquer escritor.

Neste sentido, compreende-se que é na busca da compleição desses tais mecanismos que esta pesquisa se fundamenta metodologicamente. Conforme veremos a seguir.

#### **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

É de interesse advertir, inicialmente, a importância de um levantamento quantitativo como diagnóstico inicial de um estudo mais aprofundado para que se tenha uma visão panorâmica e norteadora no que concerne aos estudos inerentes à linguística de texto.

Desta feita, a partir da leitura das redações e da observação acerca das ocorrências das estratégias de referenciação utilizadas (ou não) pelos sujeitos de pesquisa, foram elaboradas duas tabelas em relação ao desempenho dos alunos de cada uma das séries pesquisadas, nas quais os resultados foram registrados através de

porcentagem, assumindo como totalidade para esse cálculo o universo de 20 alunos por série.

Na primeira tabela, a contagem leva em consideração problemas encontrados nos textos e que geraram prejuízos à progressão referencial pela falta ou emprego indevido das seguintes categorias: pronomes pessoais do caso reto, pronomes pessoais do caso oblíquo, pronomes relativos e repetição lexical.

Conforme vemos a seguir:

**TABELA 1**

INFRAÇÕES LINGUÍSTICO-TEXTUAIS NA UTILIZAÇÃO DE:	PORCENTAGEM DE REDAÇÕES COM PROBLEMAS	
	1º ano	2º ano
PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO	10%	15%
PRONOMES PESSOAIS DO CASO OBLÍQUO	15%	0%
PRONOMES RELATIVOS	15%	5%
REPETIÇÃO LEXICAL	55%	35%

**Tabela 1. Estratégias de Referenciação: pronomes pessoais do caso reto, pronomes pessoais do caso oblíquo, pronomes relativos e repetição lexical.**

A segunda tabela expõe os números que correspondem às redações em que os alunos utilizaram, a serviço da progressão referencial, as seguintes estratégias de referenciação: hiperônimos, hipônimos, expressões sinônimas ou equivalentes, elipses e encapsulamentos/rotulações.

**TABELA 2**

CATEGORIAS ANALISADAS	PERCENTUAL DE REDAÇÕES EM QUE HOUVE USO ADEQUADO DAS CATEGORIAS	
	1º ano	2º ano
HIPERÔNIMOS	20%	5%
HIPÔNIMOS	55%	45%
EXPRESSÕES SINÔNIMAS OU EQUIVALENTES	15%	0%
ELIPSES	15%	40%
ENCAPSULAMENTOS/ROTULAÇÕES	55%	25%

**Tabela 2. Estratégias de Referenciação: hiperônimos, hipônimos, expressões sinônimas ou equivalentes, elipses e encapsulamentos/rotulações**

Conforme os dados apresentados na tabela 1, constatamos que 55% das redações do 1º ano apresentam inadequações substanciais no quesito “repetição lexical”, número que cai para 35% nas redações dos alunos do 2º ano, o que evidencia a ocorrência de avanço no que tange às possibilidades expressivas dos escreventes de um ano para o outro, apesar dessa dificuldade de repertório ainda figurar no momento da escrita, desvelando certa deficiência leitora.

Por outro lado, é interessante também chamar a atenção para o fato de que o jogo da substituição de nome por pronome não se mostra severamente prejudicado quando se trata dos pessoais do caso reto e oblíquo ou dos relativos, já que nenhuma dessas três categorias foi mal empregada, nas redações de 1º ou 2º ano, em sequer 20% de textos. Esses resultados são animadores, tendo em vista que a pronominalização, enquanto estratégia de referenciação, constitui-se como instrumento indispensável para o alcance da textualidade.

Passando à análise da segunda tabela, que tem como objetivo apontar percentualmente as ocorrências de algumas estratégias de referenciação que auxiliaram

na progressão referencial dos textos, convém chamar atenção para o relevante índice de hipônimos, já que esses estão presentes em 55% dos textos do 1º ano e 45% dos textos do 2º ano, ao passo que os hiperônimos só foram registrados em 20% das redações do 1º ano, número que ainda foi reduzido a 5% ao verificarmos as ocorrências nas redações do 2º ano. A comparação entre o uso profícuo de hiperônimos e hipônimos nos textos revela, sobretudo, uma independência de uso entre estes termos que comumente são associados e, não raro, confundidos.

Observamos ainda, com base na tabela 2, que a utilização de expressões sinônimas e equivalentes foi precária, totalizando apenas 15% das redações e ainda mais preocupante nas redações do 2º ano, nas quais identificamos a ausência da utilização desse recurso como mecanismo de progressão referencial.

Se esse resultado por um lado ratifica a constatação refletida na primeira tabela a respeito do alto índice de repetição lexical verificado nas redações do 1º ano, uma vez que promove a lógica de que se os sujeitos de pesquisa não têm repertório suficiente para diversificar nas palavras e expressões que compõem o corpus de seus textos, necessariamente não haverá presença razoável de sinônimos nas linhas do que escrevem, por outro lado nos leva a refletir sobre o fato de que, nas redações do 2º ano, ao mesmo tempo em que as repetições lexicais diminuíram, as expressões sinonímicas desapareceram. Esse fenômeno nos faz supor que os escreventes do 2º ano tenham, possivelmente, tangenciado suas escolhas para as demais estratégias de referenciação que recategorizam os objetos de discurso, justamente por essa dificuldade vocabular evidenciada.

Outra disparidade significativa refletiu-se no tocante ao uso de rotulações/encapsulamentos: enquanto estiveram presentes em 55% das redações do 1º ano, só foram observadas em 25% das redações do 2º ano. Fato contrário aconteceu em relação às elipses, haja vista que os escreventes do 2º ano lançaram mão dessa estratégia de referenciação em 40% dos textos, número bastante superior ao que foi evidenciado nos textos de 1º ano, os quais só contaram com presença satisfatória de elipses em 15% do seu total.

Por fim, conforme adverte Costa Val (2006, p. 35),

a necessidade de preestabelecer parâmetros para orientar a avaliação técnica de um texto pode ser atendida através da definição de critérios qualitativos (e não quantitativos) que busquem captar e sistematizar as condições naturais de aceitabilidade dos discursos.

Tomando como base essa premissa e para que haja melhor compreensão da análise textual, iniciaremos uma avaliação qualitativa, para a qual selecionamos dois textos: o texto 1, escrito por um do 1º ano e o texto 2, escrito por um aluno do 2º ano, nos quais serão observados, na medida do possível, os eventos coesivos ressaltados nas tabelas já apresentadas.

#### TEXTO 1

A **tecnologia** e seu rápido avanço trouxe novidades e inovações para vida de todos nós, mas seu uso já está tornando-se um vício: adultos, crianças, jovens e idosos não sabem e nem querem saber como seria suas vidas sem a **tecnologia** (celular, televisão, computador...). Será que a **tecnologia** está de alguma forma influenciando a vida e o comportamento das pessoas?

Atualmente podemos falar com outra pessoa mesmo que ela esteja do outro lado do planeta, **esse** é um grande avanço levando em conta que antigamente as pessoas só se comunicavam por cartas, a medicina avançou e também conseguimos fazer quase tudo online. Porém, **(nós)** estamos levando **tudo isso** muito a sério e uma coisa que era pra ser só diversão tornou-nos praticamente “escravos” da **tecnologia**, mandamos mensagem até para alguém que está na mesma casa que **(nós)** estamos, por exemplo, não conseguimos sossegar quando esquecemos **o aparelho celular** em casa, e deixamos de sair porque conversar por msn é mais rápido e fácil, deixamos de dormir ou fazer algo importante só por ser o último dia da nossa **novela** e não queremos perdê-la.

Contudo, de certa forma a **tecnologia** influencia e muito o comportamento do ser humano, falta diálogo e falta um pouco de “liberdade”. Nós estamos deixando de lado algo muito importante que é nossa própria saúde e principalmente a conversa olho no olho” com as pessoas que gostamos.

No desenvolvimento do primeiro parágrafo, verificamos uma repetição exacerbada do vocábulo *tecnologia* conforme grifos em amarelo. Além desses três empregos, nos parágrafos seguintes, o termo ainda foi utilizado duas vezes mais. Para evitar esta repetição, que precariza o texto, o escrevente poderia ter feito uso de um hiperônimo ou um hipônimo, ou ainda lançado mão de uma expressão nominal definida, que fizesse referência ao vocábulo que ele desejava retomar, no caso, *a tecnologia*. Ao invés disso, ele permaneceu circulando em torno da mesma palavra, o que minimizou a condição de progressão e impediu que outras palavras agregassem sentidos correlatos às ideias que ele pretendia lançar ao leitor de seu texto.

Na sequência, entretanto, observamos que o escrevente inseriu uma cadeia de palavras (*celular, televisão, computador*) que designam equipamentos tecnológicos

muito difundidos na atualidade, ou seja, ele optou por valer-se de expressões que pertencem ao mesmo grupo semântico de outras, porém com um sentido mais restrito, investindo em uma estratégia de referenciação denominada hipônimo, a qual aproveitou novamente nos parágrafos seguintes, conforme grifamos na cor azul.

O uso dessa estratégia colabora para o desenvolvimento da temática, pois na medida em que vocábulos variados são apresentados, o leitor tem a oportunidade de construir uma representação mais detalhada e rica do assunto sobre o qual o texto fala.

No segundo parágrafo, testemunhamos a ocorrência de duas elipses, mas que marcaram a supressão de um mesmo pronome: nós. O uso dessa estratégia de referenciação torna o texto mais enxuto sem, com isso, prejudicar o entendimento do leitor, uma vez que as informações ocultadas podem ser facilmente recuperadas através das informações disponibilizadas dentro do mesmo período verbal.

Acerca dessa estratégia de referenciação, discorre Antunes (2006, p.119),

sua importância está, portanto, no fato de assinalar que alguma coisa é reiterada na continuidade do texto, embora esse sinal seja dado exatamente pela falta de um elemento que é esperado, inclusive sintaticamente. Essa falta é, assim, compensada pela presença de outros elementos do contexto que favorecem a recuperação do que é omitido.

Por fim, evidenciamos (grifos em rosa) duas ocorrências de encapsulamento/rotulação, através das quais o escritor do texto comprime diversas informações postuladas anteriormente apenas nas expressões “esse” e “tudo isso”, no decorrer do segundo parágrafo. Cabe ressaltar que essa estratégia é parte importante da construção das práticas discursivas, uma vez que possibilita sintetizar uma gama de informações apresentadas anteriormente, sem prejuízo de compreensão no processo de interação textual.

## TEXTO 2

### *Substituíveis?*

*Ao longo dos anos, a evolução humana foi explicada pela ciência, já a criação (foi explicada), pela religião. Dois lados da moeda que certamente não se tornarão um só. Mas entre tantas descobertas, uma (descoberta) nos tem ajudado a ir além, a tecnologia.*

*Se perguntássemos aos nossos avós se na nossa idade eles tinham celular, certamente irão rir e responder que não (tinham). E aos nossos pais, será que eles*

possuíam um computador há 40 anos atrás? Mas se nos questionássemos se um dia, quem sabe, (nós) teremos o nosso próprio robô de telepresença? (Nós) Podemos imaginar que não, mas quem pode afirmar? Tendo em vista o avanço tecnológico que caminha na velocidade da luz, ninguém (pode afirmar).

A tecnologia tem nos influenciado desde sempre, de suas primeiras descobertas até as atuais, o nosso comportamento depende cada vez mais dos nossos instrumentos diários. Influenciados sim, já somos, mas será que (somos) substituíveis?

Tomara que não, pois no dia que (nós) criarmos nossos humanos de mentira, no outro (dia), se tornarão de verdade! E aí (nós) esqueceremos o valor real da vida!

Em relação às estratégias de referenciação empregadas no texto 2, destacamos, sobretudo, a nítida recorrência no emprego das elipses (grifos em verde).

Distribuídas por cada um dos quatro parágrafos que compõem a redação em análise, as elipses representam maciça maioria em termos de incidência, quando comparadas aos demais mecanismos envolvidos na cadeia referencial construída pelo escrevente. O uso acertado das elipses revela que o escrevente tem a convicção de que o seu leitor é plenamente capaz de recuperar os termos suprimidos, além de conferir ao texto mais dinamicidade e fluidez.

Em menor escala, constatamos a utilização de dois outros mecanismos coesivos de referenciação: hiperônimos e hipônimos.

O hiperônimo “instrumentos diários” (grifo em vermelho) abriga semanticamente os hipônimos “celular”, “computador” e “robô de telepresença” (grifos em azul) e também corrobora para a obtenção da textualidade pois ao mesmo tempo em que assegura a continuidade da temática, contribui para que o processo de progressão textual siga seu curso em busca da compreensão plena por parte do leitor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa empreendida neste trabalho mostrou-se satisfatória, uma vez possibilitou a discussão acerca do uso das estratégias de referenciação, recurso discursivo de suma importância para a linguística textual, considerando a relevância que as expressões referenciais assumem no ensino e aprendizagem da escrita, já que, conforme pontuam Koch & Elias (2006), tais elementos linguísticos são

multifuncionais: indicam pontos de vista, assinalam direções argumentativas e recategorizam objetos discursivos.

A propósito das categorias examinadas, percebemos que algumas se fizeram efetivamente mais presentes do que outras. Foi o caso dos hipônimos e dos encapsulamentos/ rotulações, em se tratando das redações do 1º ano e das elipses, quando nos referimos aos textos do 2º ano. Em contrapartida, o recurso da substituição lexical (expressões sinônimas ou equivalentes) foi pouquíssimo aproveitado pelos alunos para compor seus textos, chegando à completa ausência nos textos do 2º ano. Como consequência dessa falta, observou-se a repetição em demasia, quase sempre, do termo *tecnologia*, núcleo semântico do tema proposto para a redação.

Essa constatação faz transparecer necessariamente o repertório limitado dos sujeitos de pesquisa e as poucas alternativas que esses têm para se referirem ao mesmo objeto-de-discurso. Possivelmente, essa carência lexical decorre, da falta do hábito de leitura. Todavia, dentro dos limites deste trabalho, não caberia desenvolver mais a fundo a temática aqui esboçada.

Podemos afirmar, entretanto, que ele abre perspectivas para uma série de reflexões, pois através da visualização desses dados, tanto é possível verificar que recursos coesivos estão sendo deixados de lado no momento da escritura dos textos, como também quais categorias estão colaborando na construção da progressão textual das redações. Além disso, o confronto entre os números obtidos em cada série, possibilita delinear uma análise comparativa e relacional, conferindo maior abrangência de contribuição a estudos posteriores.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADAM, J.-M. **A linguística textual: uma introdução à análise textual dos discursos.** São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

ANTUNES, Irlandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência.** 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. **Análise de Textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BEUGRANDE, R. de & DRESSLER, M. U. **Introduction to Text Linguistics.** London, Longman, 1981.



BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1999.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Avaliação de livros didáticos de Língua Portuguesa**. 2006. Mimeografado.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 9ª. Ed. Ática, 2001.

KAUFMAN, A.M. RODRIGUEZ, M.H. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça & L.C. TRAVAGLIA. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça & MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de referenciação na produção discursiva**. In: *D.E.L.T.A*, v. 14: 169-190. 1998.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1999

\_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003b.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do Texto**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos**. Conferência pronunciada no II Encontro Nacional sobre Fala e Escrita. 1995a.

\_\_\_\_\_. **Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos da produção de sentido**. 1998, (mimeo).

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore Villaça. **Referenciação**. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. v.1. Campinas: UNICAMP, 2006.

